

# CASTILHO - *LEITURA REPENTINA* método original?

por  
José Maria Teixeira Dias\*

## Introdução

O trabalho que pretendo apresentar tem uma finalidade muito específica.

Castilho tem sido muito glosado no aspecto pedagógico. O seu «Método», variamente denominado ao longo dos anos pelo próprio autor, foi motivo de algumas controvérsias, e ainda hoje resiste, na pedagogia portuguesa, como relíquia histórica.

Pretende-se, através de um estudo que se procurou não muito extenso, levar os possíveis leitores ao conhecimento das traves mestras do pensamento de Castilho acerca do ler e escrever, e comparar algumas dessas ideias com o que ele próprio diz ser o seu modelo, Lemare.

As conclusões falam por si próprias.

“Aos onze dias do mez de Janeiro do anno de mil oito centos e quarenta e trez, tendo sido convocadas varias pessoas, para tratarem do estabelecimento de uma Associação, que promovesse, e animasse o adiantamento da Agricultura na Ilha de S. Miguel<sup>1</sup>” ...Estas são as palavras intro-

---

\* Doutorado em História da Educação pela Universidade dos Açores.

<sup>1</sup> O Agricultor Michaelense, 1ª série, pág. 2.

dutórias que *O Agricultor Michaelense* regista, no seu primeiro número, acerca da reunião levada a efeito por um grupo de agricultores insulares, todos de São Miguel, e que em poucas mas elucidativas palavras enuncia os princípios fundamentais que iriam nortear a nascente sociedade: «promover e animar» a agricultura da ilha de São Miguel.

Não é caso de referir aqui todos os nomes de quantos aí estiveram, mas tão só assinalar que o anfitrião de tão ilustre assembleia era o Snr. José Caetano Dias do Canto e Medeiros, ilustre pai de José, André e do historiador Ernesto do Canto, cuja memória a revista *Arquipélago/História* pretende homenagear.

Da ideia que os presentes tinham da agricultura dão-nos conta pequenos incisos que nos são transmitidos na mesma acta, chamando-a «a mais útil de todas as profissões», ou «manancial perenne e caudal de riquezas». Mostram-nos estas palavras o conceito em que eram tidos os trabalhos agrícolas, mas sobretudo elucidam-nos, e bem, das intenções que presidiam a toda a emergente associação : contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento da riqueza da agricultura açoriana, em especial a micaelense.

Uma das primeiras fundações da sociedade será a criação de um jornal que terá o sugestivo título, *O Agricultor Michaelense*, «periodico dedicado à illustração da classe agricola Açoriana» e primeiro jornal que em Portugal se dedica, especialmente, e digamos, exclusivamente, à agricultura.

Nos *Estatutos da Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense* se expressam, com clareza, as metas que o próprio jornal e a associação, a que estava ligado, igualmente se propõem: “Dirigir por si, ou pelos membros da sociedade todos os trabalhos agrícolas, e quaesquer experiencias completamente deliberadas” ou, em outra passagem, “determinar as culturas e experiencias que houverem de se fazer e indicar os methodos a seguir n’umas e n’outras<sup>2</sup>”.

Como facilmente se deduz, embora à primeira leitura nos possamos aperceber da utopia em que se empenhavam os constituintes desta sociedade, a verdade é que mostravam determinação, saber e crer que poderiam mudar a face da agricultura micaelense. Não alcançaram os objectivos

---

<sup>2</sup> Estatutos da Sociedade Protectora da Agricultura, págs. 8 e 11-12.

que se propunham, mas a agricultura de São Miguel, e por arrastamento a açoriana, adquiriu novos produtos, e deu salto qualitativo assinalável.

A vida efémera do jornal, *O Agricultor Micaelense*, ( a 1ª série durou de 16 de Outubro de 1843 a 20 de Junho de 1845 ) e outras dificuldades que sempre se somam aos sonhos de uns tantos, tiveram significativo, embora fugaz apaziguamento com a chegada de António Feliciano de Castilho.

Em fins de Agosto de 1847<sup>3</sup>, assoberbado por enormes dificuldades financeiras, esgotados o fraco filão da advocacia e o pouco rentável ofício das letras, pintados, por um micaelense ilustre, “ os Açores, ( a ilha de São Miguel, principalmente) como um El Dorado sumido nas solidões do Oceano<sup>4</sup>” Castilho, levado pelos sonhos, e arrastando toda a família, desembarca em São Miguel, mais concretamente, em Ponta Delgada.

Sobre quem o tenha induzido nessas crenças não nos elucidou o filho biógrafo, embora nos informe tal facto ter tido origem na casa do poeta, e o intermediário entre esse micaelense e Castilho haver sido o P.e José Jacinto Tavares, também ele açoriano.

Os resultados imediatos não podiam ser mais desanimadores. À solene recepção esperada, apenas correspondeu o tempo morno da ilha e o vazio do cais. Era o desabar do sonho, o desfazer duro das imaginações de poeta. As razões para tanta indiferença são por Luís de Albuquerque filiadas em : “boatos (...) de que trazia a incumbência de revigorar os ardores cartistas adormecidos<sup>5</sup>”, uma vez que viria ocupar uma vaga no governo civil do distrito de Ponta Delgada. Tal facto desagradaria sobremaneira aos Setembristas, que ocupavam o poder e se tinham disseminado amplamente por toda a ilha.

Anichada toda a família numa pequena residencial, para o Hotel o dinheiro não abundava, ali esperam que o destino lhes sorrisse.

A verdade é que não tardaram as mudanças.

Espírito criativo e irrequieto, a Castilho pouco custou fazer amizades, entre as quais a família Canto, que, vimos atrás, liderava, de maneira

<sup>3</sup> As datas não são coincidentes entre os biógrafos e os jornais micaelenses da altura. Assim, quer o filho, Júlio de Castilho, quer outros autores apontam o dia 27. Os jornais, no entanto trazem a notícia, como sendo a 25.

<sup>4</sup> Castilho, Júlio de, *Memórias de Castilho*, Livro IV, p. 293.

<sup>5</sup> Albuquerque, Luís de, *Castilho e o Ensino Popular*, pp. 170-171.

notável, o desenvolvimento da agricultura em São Miguel, através da Sociedade Protectora da Agricultura Michaelense. Aí pontificava André do Canto, um dos entusiastas do desenvolvimento agrícola da ilha, e grande impulsionador de *O Agricultor Michaelense*, órgão oficial da Sociedade, e que havia suspenso a sua edição, como referimos já. O primeiro trabalho, a que Castilho se dedicará, é um segundo fôlego do periódico, onde o poeta exarará muitas ideias e que durou desde Janeiro de 1848 até Março de 1852, redigido até ao n.º 12 por Castilho, para, a partir daí assinalar apenas a sua colaboração sob a rubrica de *O Serão do Casal*.

Mas o trabalho principal de Castilho, no que a este artigo diz respeito, inclui-se na actividade pedagógica, a que nestas paragens se dedicou e da qual resultou um livro que vasta celeuma levantou, originando vários escritos de Castilho, conhecido regra geral por «*Método de Leitura Repentina*».

Não é caso aqui de se desenvolverem todas as questões que tal actividade suscita. Desde o saber se há muito lhe bailavam no espírito os desejos de também nessa área deixar obra, como o próprio o quer fazer crer, no prefácio à segunda edição, até à originalidade do seu «método». Sabemos que este «método» nasceu devido a um compromisso assumido em ocasião muito especial, em que falava da necessidade de os camponeses lerem não só o jornal que lhes era dedicado, mas também outras obras.

Para tal era necessário encontrar maneira fácil e rápida de ensinar a ler e escrever. Esse momento é - nos assim descrito por seu filho e biógrafo, Júlio de Castilho, reproduzindo as palavras do pai: “Offereceu-se, «á falta de outrem- (palavras delle) – a tentar para isso alguma facilitação, que já de muito andava entrevedo. Aceitou-se, registou-se a promessa, porventura leviana», (confessa o próprio) e ficou elle por sua palavra obrigado a diligenciar até onde as forças lho consentissem<sup>6</sup>”.

O testemunho do próprio é claro: «há muito andava entrevedo». O que quer Castilho significar? Pensaria ele, desde há muito tempo em encontrar qualquer método que possibilitasse aprendizagem rápida e fácil de um acto, cuja complexidade ainda hoje preocupa quase todos os pedagogos?

---

<sup>6</sup> Castilho, J. de, *ob. cit.* Livro V, pp. 74-75.

Independentemente da resposta a essa pergunta não restam quaisquer dúvidas é que se levantou a si próprio um problema e que ele vai tentar resolver: encontrar um caminho fácil para ensinar qualquer a ler.

Ufano do seu génio, alimentado o ego por uma corte não muito numerosa, mas reverente quanto necessário, Castilho encontrou, rápido, uma solução: o método Lemare<sup>7</sup>, que o conhecimento com um vizinho havia proporcionado.

O providencial encontro é - nos assim traduzido nas palavras do seu filho : “Foi o bom Monsieur Lambert, visinho e amigo de Castilho, quem lhe sugeriu o livro d’aquelle talentoso pedagogista, de quem tinha sido conhecido, systema que Lambert experimentara no seu filho. Falou-lhe no assumpto e offereceu a cartilha de Lemare ao poeta portuguez<sup>8</sup>”.

Com uma necessidade e uma possível resposta a essa mesma, teceu Castilho aquilo que denominou de *Leitura Repentina Methodo Experimentado e Efficacissimo para em poucas lições e com muito Recreio se aprenderem a ler Impressos, Manuscritos e Numeração*.

Fernando Castelo - Branco, na sua *Correspondência Pedagógica*, pagina 37, levanta o problema de qual o título exacto da obra, pois o exemplar, compulsado por esse autor, apresenta deficiências no rosto da obra. Mais feliz, foi-me dado poder consultar uma primeira edição, que embora já rota, é perfeitamente legível. O título apresentado pelo eminente autor da *Correspondência* é o que se apresenta no rosto da segunda página dessa primeira edição, saída no ano de 1850, na Typ. da Revista Universal Lisbonense.

Para além do *Leitura Repentina*, objecto principal desta análise, será necessário recordar também outras ideias pedagógicas de António Feliciano de Castilho, expressas nos diferentes escritos, sobretudo na sua correspondência, em que explica e defende o seu método de leitura, e que vão sendo apurados ao longo das discussões que manteve com vários opositores que ele, sem menosprezar, minimiza, quanto pode. Referindo-se a eles, diz Castilho:” Três ou quatro levianos, inimigos meus, não sei porquê, e não sei para quê inimigos da instrução popular, contrariam por quantos modos

---

<sup>7</sup> Lemare ( 1766-1835), pedagogo francês, pouco conhecido no seu tempo, quase esquecido hoje. Além desta, é autor de várias obras didácticas.

<sup>8</sup> Castilho, J. de, *ob. cit.* Livro V, p. 74.

sabem, o movimento, que mesmo desajudado, se acelera, deste grande véiculo de destinos públicos melhores; negam factos; inventam outros; enge-nham dúvidas; semeiam cizânias e superstições; intimidam mestres; falam oracularmente do que não entendem; e o que menos desculpável é, para invalidarem as coisas, epigramam, escarnecem, injuriam as pessoas<sup>9</sup>”.

Não é muito difícil em poucas palavras resumir as acusações que eram feitas ao método de Castilho, que vão desde o «plágio», até à impos-sibilidade de aprender por tal sistema.

Sem dúvida que o movimento que se gerou, pelo menos em São Miguel, e mesmo no continente, com extensão ao próprio Brasil,<sup>10</sup> deve ter confundido determinados senhores, estabelecidos no ramerrão do quo-tidiano, que não estavam dispostos a inovar. Note-se que esta apreciação não significa aprovação do que Castilho evoca em seu favor; tão somente se quer dizer, que, em educação, os autores e promotores de inovações sempre pagaram um alto preço, pelas suas ousadias.

Toda a polémica originada à volta de *Leitura Repentina*, obriga Castilho a repensar e defender as suas ideias o que nos proporcionou grande acervo de opiniões próprias, que na impossibilidade de todas transcrever, nos limitamos a reproduzir algumas: “De toda a instrução pública, a chamada primária con-cordam todos em que é a mais importante e a mais necessitada de providênci-as. O ler escrever e contar devem ser populares e plebeus; património geral, e não privilégio, regra e não excepção, e tão rara excepção como até hoje<sup>11</sup>”.

A educação das mulheres também o preocupa e sobre o assunto emite várias opiniões, mas a mais clara e expressiva parece-me ser a que deixou em

---

<sup>9</sup> Castelo-Branco, F. *Correspondência*, p. 54.

<sup>10</sup> Para elucidar do valor que no Brasil foi atribuído ao trabalho de Castilho, transcre-vo aqui apenas duas frases de um artigo publicado em 1855, no periódico *O Conservador*; e que a Professora Doutora Rosicler Schafashete me fez chegar às mãos. Diz-se aí: «O methodo antigo de ensino cança a intelligencia do menino as mais das vezes produz o aba-timento nas faculdades quasi embrionarias, e d’ahi vem o fecho que em geral teem as aulas, e o horror que lhes inspira a presença dos mestres... Hoje porem já não será muito difficil conseguir-se remover taes obstaculos por meio do Methodo Castilho muito mais simples e engenhosamente concluido. ... Alem da facilidade e promptidão com que se conhecem as letras, e se aprende a leitura uma outra vantagem não menos importante existe, e vem a ser, ter o autor reduzido a algumas leis geraes invariaveis o conhecimento dos multiplices valores de consoantes identicas.»

<sup>11</sup> Castelo-Branco, *ob. cit.* p. 45.

O Serão do Casal, inserto em *O Agricultor Michaelense*. Ouçamo-lo pois: “As escolas primarias, para meninos e homens são muito, mas não são tudo; é forçoso igualmente creal-as para meninas e mulheres, e com mão não mais avara multiplicar e remunerar as professoras: a educação das mulheres, se bem se adverte, contem em si a dos homens; ellas são no principio e por muito tempo, as nossas mestras unicas; elas nos infiltram em todas as idades as suas ideias; no que temos de bom e benigno foram ellas que nos modificaram á sua imagem; ellas, sem o parecerem nos educam e dirigem ate ao fim; a mulher, convenientemente educada, será melhor mãe, melhor espoza, melhor economa, melhor amiga, mais proveitosa à casa, mais util aos visinhos, mais benemerita da Patria, sem se lhe mostrar, mais querida de todos e de si mesma<sup>12</sup>”.

É mais que evidente nestes testemunhos que Castilho fazia da instrução primária o elemento dinamizador da sociedade e que, ao apregoá-la como necessária para todos, num país onde ainda campeava de maneira flagrante o analfabetismo, pretendia dar uma pedrada no charco da indiferença. Ao avançar com um sonho de o fazer rápida e eficientemente, procurando um novo método, deu um passo forte, rumo à erradicação desse flagelo, que ainda hoje nos atormenta, mas que causaria engulhos em muitas das mentalidades da época.

Por isso nos surge como evidente a frase de Fernando Castelo-Branco:” Castilho aparece-nos nesses aspectos como um avançado, um progressista, um homem que se antecipou à sua época, um ardente pugnador da democratização do ensino, como alguém que tomou posições que só mais tarde se generalizaram<sup>13</sup>”. É este também o testemunho que gostámos de subscrever.

Também, em obra pouco divulgada, e da qual poucos autores falam, editada em 1850, em Ponta Delgada, penso que antes de *Leitura Repentina*, intitulada *Noções Rudimentares para uso das Escolas dos Amigos das Lettras e das Artes em Sam Miguel*,<sup>14</sup> Castilho, antes de expor

<sup>12</sup> Castilho, A.F. de, O Serão do Casal in *O Agricultor Michaelense*, 2ª série, p. 358.

<sup>13</sup> Castelo-Branco, F. *ob. cit.* p. 29.

<sup>14</sup> Esta obra de dimensões muito reduzidas, divide-se em duas partes uma que explica a razão do seu ser: dar a conhecer determinados dados que todos os professores da Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes deveriam possuir, divididos em diversos capítulos e uma pequena introdução de apenas duas páginas, que chamaremos «didácticas», à falta de melhor termo.

uma série de assuntos comezinhos mas que seriam em seu parecer absolutamente indispensáveis aos mestres, acrescenta ainda algumas considerações pedagógicas. Dizendo que o livro mais não é que “ um exercício de leitura, nada mais!, um dia farei obra mais acabada<sup>15</sup>” aconselha os professores, ou melhor intima-os, a proceder de modo: ”que nos compreendessem os meninos, os mechanicos os plebeos, que ás nossas escolas acodem<sup>16</sup>”, confirma, de maneira irrefutável, o que pensava da necessidade de todos, mesmo todos, saberem ler.

É este um dos grandes trunfos de Castilho, mas que as vicissitudes da vida o levam a abandonar. A ideia ficou e causou a admiração de Luís Albuquerque que a sintetiza, de maneira admirável, na frase seguinte: “ a campanha ( o ensino e os problemas da instrução) de que se afastava derrotado, havia de ficar como um dos quinhões mais importantes na obra que nos legou<sup>17</sup>”.

Não vamos aqui referir os títulos sucessivos que a obra teve nas edições posteriores de «Metodo Castilho» ou «Metodo Portuguez Castilho», sempre completados por uma longa descrição das virtudes e finalidades da obra. Para quem deseje informação mais completa remetemos para «Adendas à Introdução» da já citada Correspondência.

Dos muitos e variados problemas que se levantaram após a publicação da obra só nos interessa um que o próprio Castilho, na apresentação do método, traduz nestas palavras: “Adoptando-lhe ( da obra de Lemare) a idéa fundamental, eu não fiz uma applicação do já existente á nossa língua; foi-me necessario refazer, crear quasi tudo de novo<sup>18</sup>”.

A «ideia fundamental» do nosso trabalho será indagar até que ponto Castilho é realmente original ou o seu Método de Leitura Repentina é uma simples cópia do trabalho de Monsieur Lemare.

---

<sup>15</sup> Castilho, A . F. de, *Noções Rudimentares*, p. 3

<sup>16</sup> Id. Ib.

<sup>17</sup> Albuquerque, Luís de, *ob.cit.* p. 234.

<sup>18</sup> Castilho, A .F . de, *Leitura Repentina*, p. 7.

Para tal além de expor o que Castilho pensava acerca do seu próprio método, irei confrontar a primeira edição da *Leitura Repentina*, com uma versão a que tive acesso da obra de Lemare, que se encontra na Biblioteca Nacional Francesa, e que pessoa amiga me fez chegar às mãos.

Sabendo-se que existiram várias edições da obra de Lemare, a verdadeira comparação só poderia e deveria ser feita com a edição compulsada por Castilho. Na falta de informação a esse respeito, resta-nos comparar com a conseguida e esperar que algum possível leitor, mais feliz, consiga satisfazer essa aspiração.

Trata-se do *COURS DE LECTURE, où, procédant du composé au simple, on apprend a lire des phrases, puis des mots, sans connaître ni syllabes ni lettres... Par M. LEMARE... Quatrième Édition, 1818.*

Divide-se a obra em três partes, que o autor intitula respectivamente:

1-Maneira de aprender a ler ou ideologia da leitura, ocupando 33 páginas numeradas em Romano, onde Lemare discute, filosoficamente, a aprendizagem da leitura.

Apresentamos tão só um exemplo dessas lucubrações: “ Comment le nouveau lecteur découvrira que les mots se decomposent en syllabes; ou en d’autres termes, comment les mots aprennent à connaître les syllabes<sup>19</sup>”. É este o longo título do capítulo. Lemare envereda depois por uma série de «conselhos», de entre os quais destaco este: “Lorsque l’enfant a lu beaucoup de phrases, il a appris nécessairement beaucoup de mots (...) le maître n’a rien a dire, il n’a qu’a faire agir ou à laisser agir<sup>20</sup>”

2-Instrução prática, ou advertência essencial, onde se industriam os professores para a prática do aprendizagem, em oito «degraus». Aqui não resistimos a transcrever uma outra frase : “ ...LE POINT ESSENTIEL, c’est de regarder toutes les figures soit typographiques, soit chalcographiques, comme des scènes qui ont lieu dans la nature, et surtout de donner aux unes et aux autres les mêmes noms<sup>21</sup>”.

---

<sup>19</sup> Lemare, *Cours de Lecture*, p. XV.

<sup>20</sup> Id., *Ibidem*

<sup>21</sup> Id., *Ibidem* p. 3.

3-Letras figuradas, quase sempre seguindo as mesmas indicações metodológicas, finalizando o livro com variadas frases modelo, todas elas provenientes dos livros da Bíblia.

Em relação por exemplo ao T que apresenta como um martelo, Lemare apresenta o seguinte texto :”Voyez la gravure. Une main bat une mesure quelconque sur une table et produit le son te! te! Or le son te est celui do signe ci-dessus. Voyez l’avis esentiel, pages 1 et 2.<sup>22</sup>”.

Embora um pouco longa esta descrição do livro de Lemare será sumamente conveniente para a comparação entre os dois «métodos».

Castilho mostra uma clara e profunda admiração pelo mesmo Lemare. Logo no início da sua obra diz ele: “O Methodo do Senhor Lemare, repito, não é ainda hoje seguido geralmente em França; e fora de França podemos dizer que é ignorado. Que prova isto? Contra elle, nada; só prova a tyranica omnipotencia do costume, do vezo, do ramerrão<sup>23</sup>”.

Apesar dessa imensa admiração, Castilho não se inibiu de inovar, de maneira sensível. A primeira e vultuosa diferença entre as duas obras, é que a de Lemare, ocupa grande espaço antes de entrar propriamente na verdadeira intenção, o ensinar a ler, como ficou patente na descrição atrás feita.

Castilho, após uma introdução rápida e leve, entra de imediato no assunto que era ensinar as letras aos alunos.

A similitude entre as letras, ou melhor as gravuras que Lemare e Castilho idealizaram para as respectivas obras merecem uma pequena comparação que será feita rapidamente, porque a gravura é, neste processo, peça - chave. Escolhemos aleatoriamente as letras A, B e L. Poderiam ser quaisquer outras, mas optamos por estas. Questão de gosto.


Algumas das gravuras que pretendo explorar não se encontram nas melhores condições, sobretudo no que à obra de Lemare diz respeito, pelo que foi necessário «reavivar», procurando melhorar as condições da comparação, seja da gravura, seja do texto.

---


<sup>22</sup> Id., *Ibidem*, sem numeração.

<sup>23</sup> Castilho, A . F .de, *ob. cit.* p. 6.


1. Figuras das letras A, B e L do Método de Lemare



Voyez les deux gravures à gauche. Elles se font contre une branche d'arbre, et c'est A ! On l'appelle aussi monsieur A. Un enfant se lève de même, pour le même et il est dit le même nom. Il faut que le lecteur voie la même chose dans les signes A, a. Voyez l'avis relatif, pag. 1 et 2.



Voyez les deux gravures. La grande représente deux têtes de bœufs (ou deux bœufs, prononcé bou) liés à un morceau de bois, et se joit de long. La petite se représente plus qu'un des deux bœufs. Or qu'il s'agit de bœufs et de ces signes ci-dessus, il faut que le lecteur dise également deux, bou. Voyez l'avis relatif pag. 1 et 2.



Voyez les gravures. Elles se font dans deux positions de l'équilibre est dit Lou. Or, tel est le nom des lettres ci-dessus. Voyez l'avis relatif, pag. 1 et 2.

2. Figuras das letras A, B e L do Método de Castilho

**LICÇÃO PRIMEIRA.**


**CONHECIMENTO DAS LETRAS.**

**A**

**E**STE preguiçoso passa os dias a lacerjar. O som, que faz, abrindo a boca, é, umas vezes, mais, outras, menos claro. Ora diz «A», com o valor do primeiro «A» de *Alma*; ora, «A» com o valor do primeiro «A» de *Amã*. A direita está a sombra delle, e, como ao homem costumam chamar, por sombria, o Senhor «I» ou «A», o mesmo nome de «A» ou «A» dão á sombra.

**a**

O rapazinho, como o pae, encosta-se ás arvores, segundo alli se vê, e faz os mesmos sons que o pai; por isso lhe chamam o «a» ou «a» pequeno. Á sua sombra, que está á direita chama-se igualmente «a» ou «a» pequeno; como a primeira «A» ou «A» grande.

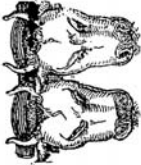





**B**

Os bois desta canga, aperridos com o trabalho, soltam gemidos, que são como a primeira syllaba de *beber*. O carreiro chama á junta o seu «be». Á sombra chamemos também «be» pronunciado do mesmo modo, isto é, com o menor som possível.

**b**

Outra canga com um só boi. Este, pela mesma razão, solta eguaes berros, e tem, por tanto, o mesmo nome. Á sua sombra chama-se o «be» pequeno, em contraposição á precedente, que se chama o «Be» grande.









**L**

Ahi está um ledor tão afinado, que, de manhã até á noite, não faz senão ler; os vizinhos quando passam, indo para o trabalho, ou recolhendo-se, e vendo-o sempre na mesma postura, dizem-lhe, a modo de chacota: «le»; ficon-lhe o nome de «le», mas pronunciado surdamente, como a primeira syllaba de *legado*. Á sua sombra também chamamos «le» pronunciado do mesmo modo.

**l**

O filho do Senhor «le» tomou o costume do pai, e chamavam-lhe então o «le» pequeno; e á sua sombra «le» pequeno para a distinguir da sombra do pai, que era o «le» grande.

Note-se que o facto de Castilho usar desenhos para figurar as letras não é inédito entre nós. Afirma Luís de Albuquerque que: “ associar desenhos a letras já o faziam a Cartilha de Mestre Inácio e Novo método de ensinar a ler de Araújo Tavares que Castilho cita (...) e conhecia<sup>24</sup>”. Por isso seria escusado utilizar Lemare.

A comparação entre os desenhos, e retirada a nitidez, fruto da antiguidade e da natureza da fotocópia, nota-se uma diferença, ou melhor várias diferenças que podemos assinalar.

Com efeito, enquanto Lemare procura exclusivamente em todas as «instruções», que o aluno «veja» a imagem, Castilho na historieta que conta, e na imagem, que ilustra, consegue uma interpenetração muito assinalável e que pode realmente ajudar o aluno. Duvido, muito sinceramente que tal possa acontecer com o preconizado por Lemare.

Por outro lado, as próprias imagens transportam consigo uma realidade muito diferente. As de Castilho assemelham-se, ou procuram assemelhar-se verdadeiramente, ao desenho da letra, enquanto que as de Lemare só a deixam antever.

Por isso, talvez chamou Castilho às suas figuras «menos forçadas», e as letras com «valor mais puro e extreme»

## Conclusão

Após a comparação, ainda que rápida entre os dois métodos, creio que não é difícil concluir que não há nem cópia nem plágio no verdadeiro sentido dos termos. Penso que poderíamos afirmar que um serviu de mãe ao outro, mas as diferenças, para melhor, são favoráveis a Castilho.

Porquê, pois, as inimizadas e os anti-corpos que a *Leitura Repentina* criou?

Não fosse o carácter egolátrico, que Castilho cultivou como poucos, e o seu desejo infrene de ver o seu método constituído caminho único, e certamente a recepção teria sido bem mais acolhedora, e embora não

---

<sup>24</sup> Albuquerque, Luís de, *ob. cit.* p. 183.

considere que o método fosse panaceia para os males do analfabetismo que entre nós grassava e ainda campeia, poderia, penso, ser uma boa ajuda para alguns casos.

Os resultados obtidos pelas escolas sustentadas pela *Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel*, de que dei conta ao Congresso da Sociedade das Ciências da Educação<sup>25</sup> bastam, por si só, para conferir algum valor às propostas de Castilho.

Gostaríamos de fazer nossas as palavras de Fernando Castelo-Branco: “ O seu Método, as suas teorias e os seus ideais pedagógicos, a par de defeitos e deficiências, encerram incontestáveis valores intrínsecos: no campo didáctico, Castilho apresenta sugestões e lança directrizes de mérito indiscutível; no aspecto pedagógico os ideais que defende, no que respeita ao ensino, à escola, ao espírito que deve animar a docência, são admiráveis e de plena actualidade, não apenas como ideais, mas também como orientações que ainda hoje se mostram válidas nas suas implicações de carácter formativo e humano<sup>26</sup>”.

## Bibliografia

- Albuquerque, Luís de, “Castilho e o Ensino Popular”, in *Notas para a História do Ensino em Portugal, 1º Vol.* Coimbra, 1960, págs. 169-235.
- Castilho, A .F. de, *Leitura Repentina Methodo Experimentado e Efficacissimo para em poucas lições e com muito Recreio se aprenderem a ler Impressos, Manuscritos e Numeração*, Typ. Da Revista Universal Lisbonense, Lisboa, 1850.
- IDEM, *-Metodo Castilho para o Ensino rapido e apravel de Ler, Impresso, Manuscrito, e Numeração e do Escrever.* 2ª edição inteiramente refundida, aumentada e ornada de um grande numero de vinhetas, Lisboa, Imprensa Nacional, 1853.
- IDEM, *Correspondência Pedagógica*, (Seleção, introdução e notas de Fernando Castelo-Branco), Fundação Gulbenkian, Instituto

---

<sup>25</sup> Dias, José, A Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel e a Instrução *Actas do IIº Congresso da Sociedade das Ciências da Educação* pp. 245-253

<sup>26</sup> Castelo-Branco, F. , *ob. cit.* p. 29.

- Gulbenkian de Ciências/Centro de Investigação Pedagógica, Lisboa, 1975.
- IDEM, *Noções Rudimentares para uso das Escolas dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel*, Ponta Delgada, Typ. da Rua das Artes, 1850.
- IDEM, “O Serão do Casal”, in *O Agricultor Michaelense*, n.ºs. vários.
- Castilho, Júlio de, *Memórias de Castilho*, Livros IV, V, VI. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.
- Dias, José, “A Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel e a Instrução”, in *Actas do IIº Congresso da Sociedade das Ciências da Educação* pp. 245-253
- Estatutos da Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel*, Ponta Delgada, 1849.
- Fernandes, Rogério, “Instrução operária e Intervenção Estudantil, em Coimbra nos começos da Regeneração”, in *Revista de História das Ideias*, vol. 12, Coimbra, 1990, pp. 221-256.
- Torres, José de, *Relatório dos Trabalhos da Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em S. Miguel*, Typ. Do Correio, Ponta Delgada. 1849.

### **Periódicos**

*Açoriano Oriental*  
*O Agricultor Michaelense*  
*O Cartista dos Açores*

